

## **Teoria adaptativa e ATLAS.ti 7: uma parceria para o desenvolvimento de *framework* de empreendedorismo internacional**

### **Adaptive theory and ATLAS.ti 7: a partnership for development of the framework of international entrepreneurship**

### **Teoría de adaptación y ATLAS.ti 7: un marco de asociación para el desarrollo del empresarial internacional**

Yákara Vasconcelos Pereira Leite

Doutora, mestre e graduada em Administração pela UFPE

Professora Adjunta e Vice-coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Cognição, Tecnologias e Instituições - Universidade Federal Rural do Semi-árido –UFERSA-Pernambuco, Brasil

yakarav@gmail.com

Walter Fernando Araújo de Moraes

Graduação em Engenharia Mecânica pela Universidade Federal de Pernambuco Mestrado em

Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina Doutorado em Management

Sciences - University of Manchester Institute of Science and Technology ; Pós-Doutorado -

University of Texas at Austin. Professor Titular – Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, Brasil

walter.moraes@ufpe.br

Viviane Santos Salazar

Doutora, mestre e graduada em Administração pela UFPE

Professora Adjunta e Coordenadora do curso de Hotelaria - Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, Brasil

viviane\_salazar@yahoo.com.br

Editor Científico: José Edson Lara  
Organização Comitê Científico  
Double Blind Review pelo SEER/OJS  
Recebido em 25.05.2015  
Aprovado em 24.05.2016



Este trabalho foi licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição – Não Comercial 3.0 Brasil

## RESUMO

Este artigo tem como objetivo discutir sobre como a Teoria Adaptativa pode ser viabilizada pelo *software* ATLAS.ti 7 na concepção de um *framework* de empreendedorismo internacional. O debate tem como base um estudo de múltiplos casos realizado na Agrícola Famosa-CE, Agro Melão-RN (pseudônimo), Special Fruit-BA e Ara Agrícola-PE, empresas exportadoras do agronegócio, localizadas no Nordeste brasileiro. Trinta e uma entrevistas semiestruturadas foram realizadas com gestores e representantes do segmento econômico analisado e examinadas mediante a análise de conteúdo. Como resultado do estudo, identifica-se que existe aderência entre a Teoria Adaptativa e o ATLAS.ti, por ambos terem o propósito de elaborar teoria. Para que o *software* trabalhe em favor da Teoria Adaptativa é recomendável cumprir alguns requisitos, a saber: ter domínio conceitual; elaborar um arcabouço teórico inicial para colocar à prova os dados empíricos; ter clareza dos construtos; e, buscar a validação e confiabilidade dos resultados.

**Palavras-chave:** Teoria adaptativa; ATLAS.ti; empreendedorismo internacional; pesquisa qualitativa; análise de conteúdo.

## ABSTRACT

This article aims to discuss how Adaptive Theory can be enabled by software ATLAS.ti 7 in designing a framework for international entrepreneurship. The discussion is based on a multiple case study conducted in export agribusinesses, Agrícola Famosa-CE, Agro Melão-RN (pseudônimo), Special Fruit-BA e Ara Agrícola-PE. Thirty-one semi-structured interviews were conducted with managers and representatives of the economic segment analyzed and examined by content analysis. As a result of the study, it is identified that there is adherence between the Adaptive Theory and ATLAS.ti for both have the purpose of developing theory. For software to work in favor of Adaptive Theory is recommended to follow certain requirements, namely: having conceptual domain; prepare an initial theoretical framework to put to empirical test; having clarity of constructs, and seek validation and reliability of the results.

**Keywords:** Adaptive Theory; ATLAS.ti; international entrepreneurship; qualitative research; content analysis.

## RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo discutir cómo la teoría de adaptación puede ser posible gracias al software ATLAS.ti 7 en el diseño de un marco de la iniciativa empresarial internacional. El debate se basa en un estudio de casos múltiples llevado a cabo en la Agrícola Famosa-CE, Agro Melón-RN (seudónimo), Special Fruit-BA y Ara Agrícola-PE, la exportación de las empresas agroindustriales, que se encuentra en el noreste de Brasil. Se realizaron treinta y una entrevista semiestructurada con los directores y representantes del sector económico analizados y examinados por el análisis de contenido. Como resultado del estudio, se identifica que hay adhesión entre la Teoría de adaptación y ATLAS.ti, por tanto

tienen el objetivo de desarrollar la teoría. Para que el software funcione en favor de la teoría de adaptación se recomienda seguir ciertos requisitos, a saber: que tienen dominio conceptual; elaborar un marco teórico inicial para poner a prueba los datos empíricos; estar libre de las construcciones; y buscar la validación y fiabilidad de los resultados.

**Palabras clave:** teoría adaptativa, ATLAS.ti, el espíritu empresarial internacional, la investigación cualitativa, el análisis de contenido.

## 1 INTRODUÇÃO

Há anos, os cientistas se esforçam para construir conhecimento com o intuito de melhorar a qualidade de vida no planeta (Campos, 1997). Em conjunto com os pares, os estudiosos em suas comunidades acadêmicas procuram testar, fazer experimentos, examinar objetos e campos de pesquisa para apresentar inovações ou, simplesmente, serem capazes de apontar caminhos mais dignos e apropriados de se viver em comunidade.

Enquanto há campos de conhecimento mais avançados, outros, como é o caso da Administração, não possuem uma base epistemológica única. Especialistas da área ainda debatem se a Administração é uma ciência ou arte (Mattos, 2009), evidenciando-se a necessidade de se refletir sobre a temática. Ademais, as perspectivas metodológicas influenciam nesse processo e são essenciais na consolidação e desenvolvimento da área.

Para discutir esse assunto, é importante reconhecer que os positivistas e os interpretativistas formam as duas grandes vertentes no campo das ciências sociais. Guba e Lincoln (2005) explicam que a primeira é constituída por dois paradigmas, o positivismo e o pós-positivismo, enquanto a teoria crítica, o construtivismo e o participativo formam os três paradigmas interpretativistas.

Em relação à ação social, é possível percebê-la como um pressuposto na pesquisa científica. Diferentemente dos positivistas que a têm como propulsora de contaminação nos resultados, a corrente interpretativista entende a ação social nos resultados como significativa e importante no processo de pesquisa. Layder (1993, 1998) toma como base os aspectos positivos de ambas as vertentes e propõe a Teoria Adaptativa como uma perspectiva para a elaboração de teoria. Nela, além do uso do positivismo e interpretativismo, a criação de teoria é resultado da combinação entre o uso do arcabouço teórico existente que pode ser expressado num *framework*

preliminar e os dados empíricos. As informações da pesquisa de campo são comparadas à estrutura conceitual e, simultaneamente, o pesquisador fica atento ao que pode emergir dos dados para compor o modelo final (Layder, 1998).

Partindo do ponto comum que é desenvolver teoria, o programa alemão para pesquisa qualitativa, ATLAS.ti versão 7, desponta como uma possibilidade para viabilizar a Teoria Adaptativa. Nesse âmbito, faz-se necessário então conceituar empreendedorismo internacional e *framework*. Ressalta-se que o EI é resultante do processo de exploração de oportunidades internacionais, da inovação, da atitude face ao risco e do desenvolvimento de recursos competitivos por parte do empreendedor para obter vantagem competitiva com a internacionalização (Leite & Moraes, 2012). Já a conceituação de *framework* apresentada de Porter (1991, p. 95) mostra que: “A construção de frameworks é baseada em profundidade na pesquisa empírica, ela tem o potencial não só de informar a prática, mas de promover o desenvolvimento de teorias mais rigorosas”. Com base nisso, este *paper* revela a viabilidade de propor um *framework* de empreendedorismo internacional (EI) e responde à seguinte pergunta de pesquisa: como a Teoria Adaptativa pode ser viabilizada pelo *software* ATLAS.ti 7 na concepção de um *framework* de empreendedorismo internacional?

Portanto, tem-se como objetivo geral discutir sobre como a Teoria Adaptativa pode ser viabilizada pelo *software* ATLAS.ti 7 na concepção de um *framework* de empreendedorismo internacional. Com isso, o artigo revela algumas contribuições no desenvolvimento do campo de pesquisa na área da Administração, quais sejam: a demonstração teórico-empírica da versão mais atual do ATLAS.ti e a operacionalização da Teoria Adaptativa com o auxílio de uma ferramenta de análise de conteúdo.

Assim, o artigo está estruturado sequencialmente pelas seções de fundamentos conceituais, fase inicial dos procedimentos metodológicos, relato da análise de dados e elaboração do *framework* final, validação e confiabilidade na pesquisa qualitativa e considerações finais.

## 2 FUNDAMENTOS CONCEITUAIS

A opção paradigmática influencia a atividade de investigação do pesquisador, sendo fundamental definir a vertente epistemológica, ontológica e metodológica para

se ter coerência no desenvolvimento de pesquisas. Nesse sentido, a Teoria Adaptativa propõe uma perspectiva integralizadora para a concepção de teoria.

Na Teoria Adaptativa, a teoria é construída com base no *background* teórico e nos dados empíricos. Os primeiros *insights* da Teoria Adaptativa de Layder (1993) surgem da análise da *Grounded Theory* e da *Middle-range Theory*, que fornecem apoio metodológico para a construção de teorias. Enquanto a primeira (*Grounded Theory*) orienta para que o pesquisador entre no campo sem o apoio do arcabouço teórico, a segunda, de cunho positivista, serve para testar hipóteses/proposições sem a possibilidade de considerar dados emergentes.

Mas cada uma possui limitações e, para superá-las, Layder (1998) defende o uso simultâneo tanto do modo dedutivo quanto do indutivo. Dedutivo por definir inicialmente o quadro teórico a ser testado, assim como, permitir a abertura para emergência de informações advindas do campo empírico (indutivo). Com isso, os pesquisadores que adotam a Teoria Adaptativa devem ter uma posição epistemológica que não o determine como simplesmente positivista ou interpretativista, para que seja possível transcender os limites de cada uma delas. Layder (1998, p. 81) assevera que essa opção intermediária permite a utilização de duas perspectivas, “[...] o objetivismo e o subjetivismo em termos dos pressupostos ontológicos”, atitude também defendida no campo do empreendedorismo internacional, em que se indica a conciliação das duas abordagens (Coviello & Jones, 2004).

De modo aderente, as características da abordagem qualitativa viabilizam a instrumentalização da Teoria Adaptativa. A perspectiva qualitativa foca a essência, o entendimento, a descrição (Bogdan & Biklen, 1994; Guba & Lincoln, 2005), o descobrimento e o significado do fenômeno (Merriam, 1998), considerando o seu contexto (Godoy, 1995). De acordo com Patton (2001, p. 14): “O método qualitativo facilita o estudo em profundidade e em detalhes”. Para alcançar esse estágio, a investigação torna-se complexa, requerendo programas, em muitas situações, que colaborem na análise dos dados, como o ATLAS.ti.

O ATLAS.ti é uma ferramenta para suporte no processo de análise qualitativa de dados. O *software* foi desenvolvido na Universidade Técnica de Berlin, Alemanha. A sigla ATLAS significa *Archivfuer Technik, Lebenswelt und Alltagssprache* e a tradução pode ser interpretada como “arquivo para tecnologia, o mundo e a

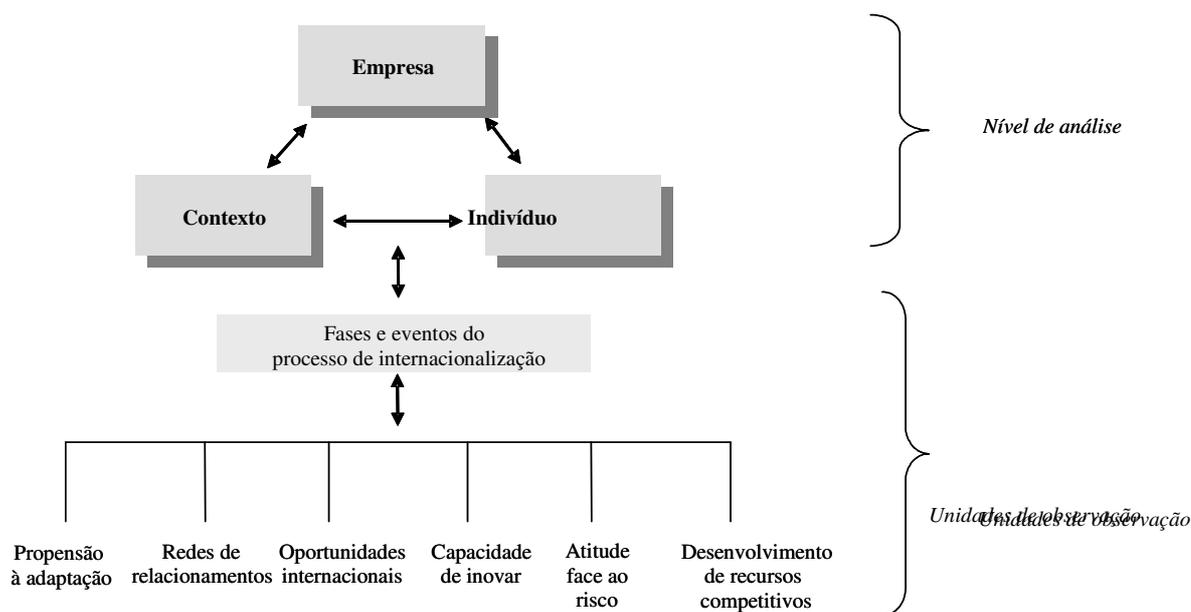
linguagem cotidiana”. Enquanto que *text interpretation* forma a sigla “ti”, em português, interpretação de texto (Friese, 2012).

Sendo assim, em consonância com o objetivo do artigo, a próxima seção se atém a esclarecer como a pesquisa foi realizada para em seguida tratar da discussão central.

### **3 FASE INICIAL DOS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

A elaboração do *framework* de empreendedorismo internacional, além da base teórica, contou com os pressupostos da Teoria Adaptativa, a ferramenta ATLAS.ti 7 e os dados empíricos. Para tanto, a estratégia de estudo de múltiplos casos foi utilizada no sentido de construir teoria (Eisenhardt, 1989; Merriam, 1998), por considerar que essa estratégia contribui na compreensão dos fenômenos individuais e organizacionais, principalmente quando os objetos são complexos e contemporâneos (Yin, 2002). Essa estratégia metodológica é uma das mais apropriadas para obter melhor entendimento do que está sendo investigado (Eisenhardt, 1995; Merriam, 1998; Stake, 1995). Assim, o estudo de caso qualitativo histórico (Merriam, 1998) viabilizou investigar cada empresa selecionada visando à descrição e interpretação do empreendedorismo internacional no processo de internacionalização, ao longo do tempo. Essa técnica é apropriada para a exploração da temática de EI (Coombs, Sadrieh, & Annavarjula, 2009).

Após o estudo de cada um dos casos selecionados, foi realizada uma análise cruzada dos dados dessas empresas (Merriam, 1998; Stake, 1995). Para isso, foi necessário definir o nível de análise e a unidade de observação (ver figura 1).



**Figura 1**  
Nível de análise e unidade de observação  
Fonte: Elaboração dos autores (2012)

O estudo de caso caracteriza-se por ser um tipo de pesquisa que se diferencia pela análise em profundidade (Godoy, 1995; Merriam, 1998; Yin, 2002), e podem existir diversos níveis de seleção (Merriam, 1998). Na investigação, foram adotados intencionalmente quatro, a saber: região, segmento econômico, empresas e sujeitos.

Na primeira etapa, optou-se por estudar a região do semiárido brasileiro, devido aos seguintes fatores: (i) área geográfica peculiar que pode gerar *insights* acadêmicos; (ii) dentre os nove Estados que constituem essa região, oito fazem parte do Nordeste, local que necessita de mais desenvolvimento em pesquisas e de recursos científico-tecnológico; (iii) por este trabalho fazer parte da linha de pesquisa de internacionalização da Câmara de Estudos em Estratégias das Organizações do PROPAD/UFPE que vem envidando esforços para investigar empresas do Nordeste; e, (iv) pelo compromisso que uma das pesquisadoras tem com a melhoria do semiárido em conjunto com a Universidade Federal Rural do Semi-Árido.

Em uma segunda fase, observa-se nessa região o destaque da fruticultura na pauta de exportação brasileira. Entre janeiro e setembro de 2011, as frutas foram responsáveis pelo montante exportado de US\$ 206 milhões (Mdic, 2011), valor significativo para a região. Diante do desempenho econômico e da vocação para

esse tipo de cultivo, determinou-se por estudar empresas do segmento da fruticultura.

Na terceira etapa, estimou-se a seleção de empresas que atuam no segmento da fruticultura em consonância com as recomendações de Eisenhardt (1989) para se construir teorias por meio de estudos de múltiplos casos. Quatro empresas, representantes dos Estados da Bahia, Ceará, Pernambuco e Rio Grande do Norte, foram selecionadas. Os dados coletados entre janeiro e setembro de 2011 indicam que esses Estados são responsáveis por aproximadamente 100% do total de frutas exportadas do semiárido brasileiro (Mdic, 2011f).

Os sujeitos sociais e os casos foram selecionados pelo critério de conveniência, devido ao acesso às informações (Merriam, 1998). Quanto à identificação das empresas, os seguintes parâmetros foram considerados: (a) estar localizada nas cidades de maior volume de exportação de frutas; (b) ter o centro de decisões gerenciais em algum dos municípios do semiárido; (c) possuir valor de exportação na faixa entre US\$ 1 e US\$ 100 milhões; (d) ter no mínimo oito anos de atividade no comércio exterior devido à análise longitudinal; (e) ter se originado (fundação) no semiárido brasileiro; (f) ser considerada pelo SEBRAE como empresa de grande porte, na classificação definida em função do número de pessoas ocupadas na firma (SEBRAE, 2011); e, (g) dispor do acesso às informações.

O ano de abertura, localização, quantidade de funcionários empregados no período de safra, faixa de valor exportado em 2011 e a sigla das empresas selecionadas são apresentados na Tabela 1. A Special Fruit é a firma com mais tempo de mercado ao passo que a Ara Agrícola possui apenas oito anos de atividade. A Agrícola Famosa emprega 5.000 pessoas e a Agro Melão 500, ambas têm o melão como principal produto exportado.

Ressalta-se que os representantes da Agrícola Famosa, Special Fruit e Ara Agrícola autorizaram a divulgação do nome da empresa na pesquisa mediante assinatura do termo de consentimento. A única exceção é a exportadora de Mossoró-RN, portanto, para garantir a confidencialidade exigida pelo gestor, a empresa está aqui nomeada de Agro Melão.

**Tabela 1**  
Apresença sintética dos casos selecionados

Características	Empresas			
	Agrícola Famosa	Agro Melão	Special Fruit	Ara Agrícola
Abertura	1995	1997	1982	2004
Localização	Icapuí-CE	Mossoró-RN	Juazeiro-BA	Petrolina-PE
Número de funcionários (safra)	5.000	500	1.700	1.000
Faixa de valor exportado em 2011	Entre US\$ 50 e US\$ 100 milhões	Entre US\$ 1 e US\$ 10 milhões	Entre US\$ 10 e US\$ 50 milhões	Entre US\$ 10 e US\$ 50 milhões
Principais produtos exportados	Melão	Melão	Uva e manga	Uva sem sementes
Sigla adotada no estudo	AF	AM	SF	ARA

Fonte: Elaboração dos autores (2012)

Em relação aos respondentes, privilegiaram-se aqueles sujeitos sociais que dispunham de informações sobre a dinâmica competitiva da região do semiárido, a respeito do segmento no qual atuam e sobre as decisões de investimentos e de implementação de estratégias internacionais. A quantidade de entrevistados foi definida quando as categorias atingiram o ponto de saturação adequado para responder aos objetivos da pesquisa (Paiva Júnior, Leão, & Mello, 2011), totalizando 30 sujeitos sociais.

Devido ao propósito da pesquisa, é importante esclarecer que o processo de internacionalização foi examinado retrospectivamente, tratando-se de uma pesquisa de natureza longitudinal, método indicado por Coviello e Jones (2004), Kiss, Danis e Cavusgil (2012) para os estudos de empreendedorismo internacional. A pesquisa longitudinal não apenas ocorre como consequência de uma análise de dados coletados ao longo dos anos, mas também é realizada com a análise em retrospectiva do histórico da empresa (Melin, 1992). Para alcançar os objetivos nos estudos desse tipo, é preciso investigar as decisões gerenciais, a implementação das estratégias, os eventos marcantes ao longo do tempo e averiguar as contingências, o que apenas se atinge por meio de trabalhos mais apurados do histórico empresarial (Andersen, 1993).

O estado da arte internacional sobre o método aplicado nessa área mostra que a maior parte das pesquisas tem como foco a empresa (32 estudos) e o empreendedor (11 estudos). Apenas quatro artigos revisados consideraram ambos - firma e empreendedor - e somente um *paper* relacionou o nível da

indústria/firma/indivíduo (Coviello & Jones, 2004). A autora do primeiro artigo teórico-empírico de EI publicado determinou a empresa como nível de análise e as estratégias e a estrutura da indústria como unidades de observação (McDougall, 1989). No modelo de Zahra e George (2002) ocorreu o mesmo na definição do nível de análise e os fatores antecedentes (ambientais, organizacionais e estratégicos), o próprio EI e os resultados (vantagem competitiva) foram as unidades de observação. Diante disso, a Figura 1 mostra que esta investigação para compor o *framework* de EI contou com um nível de análise formado por três elementos, empresa, empreendedor e contexto. Tal opção metodológica está em harmonia com Welch e Welch (2004) e Oviatt e McDougall (2005) que definiram a empresa como sendo o nível de análise apropriado para atingir o propósito de suas pesquisas, enquanto Butler, Doktor e Lins (2010) decidiram estudar o EI pela perspectiva do indivíduo (empreendedor) e Etemad (2004) reconhece o papel do contexto no EI. Nas investigações de EI desenvolvidas no Brasil, geralmente o nível de análise também é a empresa (Freitag Filho & Amal, 2008; Ribeiro & Pimentel, 2009; Rossi, 2008; Silveira & Alperstedt, 2007; Sohn, Lenzi, & Kiesel, 2004; Tondolo, Bitencourt, & Tondolo, 2008).

Ademais, as fases e os eventos do processo de internacionalização (Melin, 1992), além das dimensões de EI - propensão à adaptação (Etemad, 2004), redes de relacionamentos (Wright & Dana, 2003), oportunidades internacionais (Johanson & Vahlne, 2009), capacidade de inovar (Dimitratos & Plakoyannaki, 2003), atitude face ao risco (Grichnik, 2008) e desenvolvimento de recursos (Keupp & Gassmann, 2009) - são as unidades de observação, ou seja, são os construtos identificados na literatura de empreendedorismo internacional. Tais elementos fizeram parte do modelo conceitual inicial indicado na Teoria Adaptativa para ser testado na fase de análise com base nos dados empíricos.

Por ser um estudo qualitativo, tendo em vista a natureza do fenômeno, diferentes técnicas de coleta de dados foram utilizadas, dentre elas a entrevista semiestruturada, a análise de documentos e bibliográfica (Patton, 2001; Taylor & Bogdan, 1984).

As entrevistas semiestruturadas foram gravadas e transcritas, perfazendo 1.242 minutos no total, com uma média de 40 minutos por entrevistado, acontecendo em dois momentos distintos. Após a primeira coleta de dados primários (1ª etapa), as informações foram analisadas de modo exploratório. Nesse momento, foram

identificadas algumas incongruências e contradições, o que motivou o retorno ao campo para validar e consolidar a interpretação dos dados. Por essa técnica, cada um dos 30 respondentes foi entrevistado uma vez e apenas o gerente comercial de exportação da Agrícola Famosa foi entrevistado em dois momentos distintos.

A pesquisa documental também é apropriada para esse tipo de estudo. Os dados secundários (Godoy, 1995), impressos e digitais, foram obtidos com os interlocutores, nos momentos das entrevistas e nos sites governamentais, institucionais e das empresas pesquisadas.

A investigação bibliográfica constituiu-se de teses, dissertações e artigos relacionados ao polo Mossoró-RN/Icapuí-CE e Juazeiro-BA/Petrolina-PE. O material disponível na versão digital foi analisado no ATLAS.ti e classificado pelo sistema como documentos de P30 a P45 (códigos atribuídos pelo *software* quando recebe arquivos).

Anterior à coleta de dados, foi realizado um estudo piloto na Brazil Melon, localizada em Mossoró-RN, com porte e estrutura agrícola semelhantes aos da Agro Melão. O gerente comercial foi entrevistado com o objetivo de aprimorar o roteiro de entrevista, construído com base no referencial teórico, e para proporcionar experiências valiosas, aperfeiçoando a condução do diálogo para facilitar a coleta com os participantes da investigação (Merriam, 1998). A realização do estudo piloto proporcionou benefícios, como: correção e re-elaboração de algumas questões; identificação dos principais competidores do setor e de temas que não haviam sido contemplados; e, informações que colaboraram na construção do roteiro de entrevista para os representantes de organizações relacionadas ao setor.

Após a realização do estudo piloto, uma das autoras participou da Feira Internacional da Fruticultura Tropical Irrigada (ExpoFruit), em junho de 2012, para se aproximar e conhecer os interlocutores do setor.

Por fim, indica-se que as anotações sobre o estudo piloto e a coleta de dados primários (entrevistas) foram registradas no diário de campo digital, em arquivo do *word*. Dúvidas, discrepâncias das informações, reflexões, dados de pessoas a serem contactadas, entre outras informações, foram relatados no diário, colaborando na organização e indicando, para as entrevistas seguintes, lacunas do fenômeno a serem preenchidas (Merriam, 1998).

### 3.1 Relato da análise de dados e elaboração do *framework* final

Após a explanação de como os dados foram coletados, explica-se a análise que tem o propósito de alcançar o objetivo do artigo. Como a análise dos dados seguiu os pressupostos da pesquisa qualitativa, caracterizada pela grande quantidade de informações (Patton, 2001), a codificação foi adotada por ser uma sistemática de desenvolvimento e refino que ajuda a interpretação dos dados (Taylor & Bogdan, 1984).

Com essa preocupação, foi utilizada a análise de conteúdo (Bardin, 2011) para identificar as conexões, códigos e categorias existentes nas transcrições das entrevistas. O *software* ATLAS.ti apoiou essa etapa da pesquisa. Uma fase da análise ocorreu simultaneamente à coleta dos dados, por ser fundamental para os estudos qualitativos (Taylor & Bogdan, 1984).

Para alcançar o rigor científico esperado na academia, a análise de dados contemplou três passos, quais sejam: descrição, inferência e interpretação (ver Tabela 2). Os dados foram examinados de forma analítica favorecendo à realização de inferências acerca das informações com apoio do referencial teórico e, por fim, receberam significação mediante interpretação (Bardin, 2011).

**Tabela 2**

Etapas para o alcance do rigor e descoberta científica

1º Passo	2º Passo	3º Passo
Descrição	Inferência	Interpretação
Descreve analiticamente os dados.	Permite a passagem entre o primeiro e terceiro passo mediante deduções lógicas.	Significação dos dados.

Fonte: Elaboração dos autores com base em Bardin (2011)

A análise dos dados desenvolveu-se com base no método de análise de conteúdo de Bardin (2011), composto por três etapas: (1) pré-análise; (2) exploração do material; (3) tratamento dos resultados e interpretações. Ressalta-se que os fatores contextuais foram considerados durante a pesquisa, ampliando os princípios norteadores da análise de conteúdo. A seguir apresenta-se individualmente cada uma delas, considerando a operacionalização no ATLAS.ti versão 7:

**(1) Pré-análise** – nesse estágio, realizaram-se: leitura flutuante, formulação dos objetivos e proposições, definição dos construtos, escolha dos documentos, definição de regras do método, constituição do *corpus*, preparação do material;

## (2) Exploração do material

(a) *codificação* - “[...] corresponde a uma transformação – efetuada segundo regras precisas – dos dados brutos do texto [...] permite atingir uma representação do conteúdo ou da expressão [...]” (Bardin, 2011, p. 133) que antecede a categorização. Nessa fase, foram definidas:

(a.1) Unidade de registro e de contexto.

- unidade de registro (elemento textual considerado nesta pesquisa): tema, que é uma: “[...] unidade de significação que se liberta naturalmente de um texto [...]. O texto pode ser recortado em ideias constituintes em enunciados e em proposições portadoras de significações isoláveis.” (Bardin, 2011, p. 135).
- unidade de contexto (trata-se da unidade de compreensão para codificar a unidade de análise): para esta pesquisa, o parágrafo foi o elemento considerado.

(a.2) Regras de enumeração (adotaram-se quatro tipos na codificação: presença ou ausência; coocorrência; frequência; e, ordem).

- “Presença ou ausência” em conjunto com a “coocorrência” (na pesquisa optou-se pela representação do código binário 1/0 para expressar essa análise).
- Frequência (outra regra utilizada para identificar: eventos; fases; propriedades das dimensões de EI; testar as seis dimensões previstas no *framework* inicial; e, identificar novas dimensões de EI).
- Ordem (para organização cronológica dos eventos, contexto e classificação das fases).

(a.3) Análise qualitativa – perspectiva metodológica adotada na interpretação dos dados.

(b) *Categorização* - “[...] são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidade de registro, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efetuado em razão das categorias comuns destes elementos.” (Bardin, 2011, p. 147). Utiliza os códigos como unidade de análise.

- etapas realizadas: inventário (que isola os elementos) e classificação (ordenação).

**(3) Tratamento dos resultados e interpretações:** estabelecimento de quadros, tabelas, figuras e modelos.

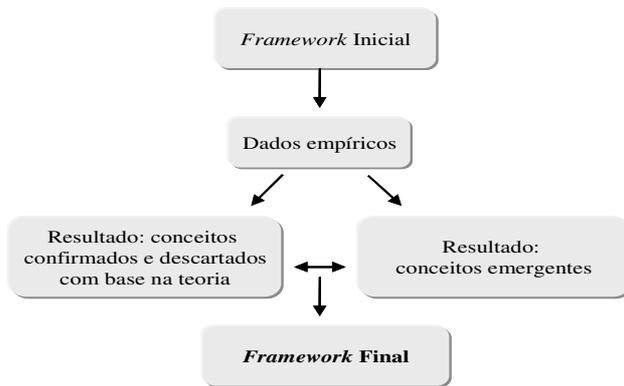
A Tabela 3 proporciona uma visão global das opções metodológicas adotadas na análise de dados. Destaca-se que a análise de conteúdo, o corte longitudinal em retrospectiva e a Teoria Adaptativa permitiram o alcance dos objetivos e averiguação das proposições da pesquisa.

**Tabela 3**  
Opções metodológicas para a análise de dados

Objetivo geral	Objetivos específicos	Proposições	Opções metodológicas	
Elaborar um <i>framework</i> analítico de empreendedorismo internacional de empresas da fruticultura	Analisar as fases e os eventos marcantes ao longo do processo de internacionalização	<b>Central:</b> determinado o contexto, o EI ocorre por meio da incidência intermitente de um conjunto de dimensões no processo de internacionalização <b>A:</b> oportunidade internacional é uma dimensão do EI <b>B:</b> atitude face ao risco é uma dimensão do EI <b>C:</b> redes de relacionamentos é uma dimensão do EI <b>D:</b> capacidade de inovar é uma dimensão do EI	<i>Codificação</i> (regras): - <i>frequência</i> (identificação de eventos e fases) - <i>ordem</i> (para eventos, fases e contexto)	- Análise de conteúdo ( <i>codificação; categorização; interpretação e elaboração dos resultados</i> )
	Investigar a influência do contexto no processo de internacionalização das empresas pesquisadas	<b>E:</b> propensão à adaptação é uma dimensão do EI <b>F:</b> desenvolvimento de recursos é uma dimensão do EI <b>G:</b> oportunidade internacional, propensão à adaptação, desenvolvimento de recursos, redes de relacionamentos, atitude face ao risco e capacidade de inovar constituem o empreendedorismo internacional ao longo do processo de internacionalização	<i>Codificação</i> (regra): - <i>frequência</i>	
	Verificar quais dimensões constituem o empreendedorismo internacional		<i>Codificação</i> (regras): - <i>presença ou ausência</i> - <i>coocorrência</i>	- Teoria Adaptativa
	Analisar a existência de relações entre as dimensões do empreendedorismo internacional			

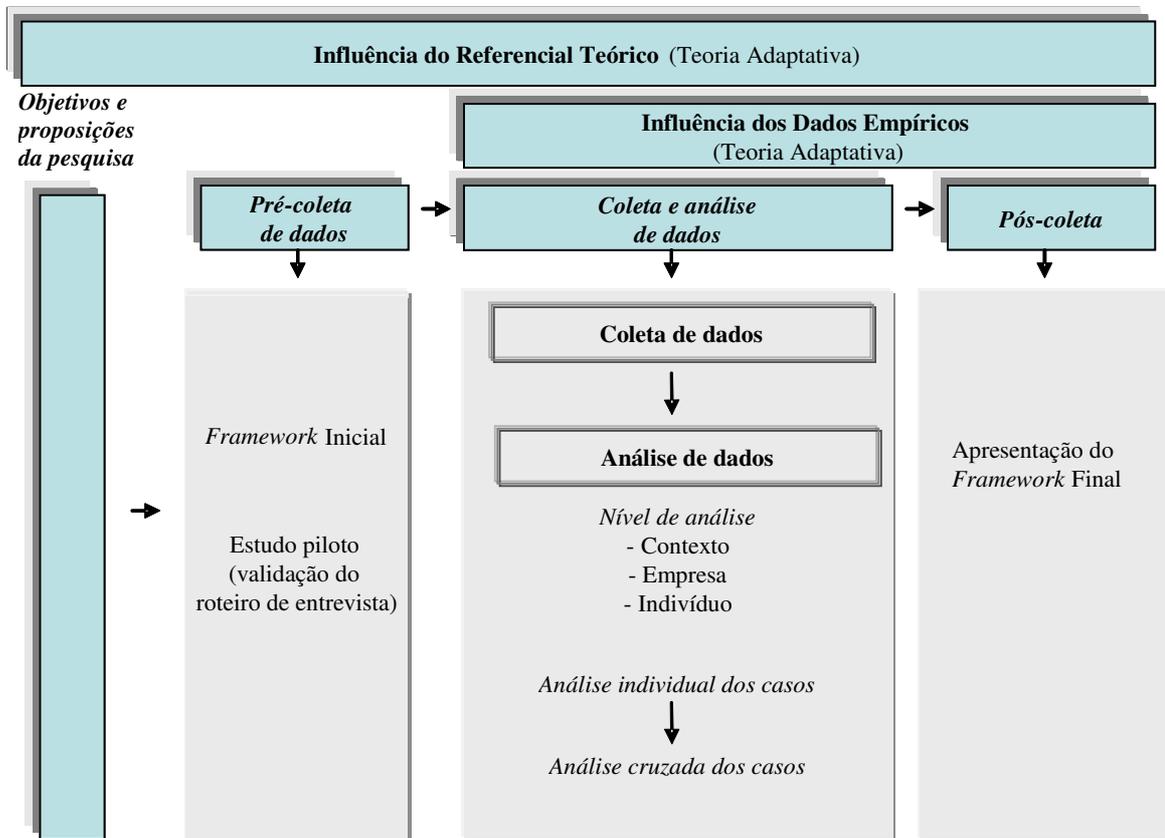
Fonte: Elaboração dos autores (2012)

Na codificação e categorização, considerou-se uma ordenação conceitual proposta por Strauss e Corbin (1998) e Layder (1993, 1998), com o método de comparação constante, no qual se confrontam teoria-incidentes e incidentes-incidentes para a geração de códigos e categorias, à luz da abordagem da Teoria Adaptativa (*adaptive theory*) proposta por Layder (1998). Diante disso, o *framework* inicial formulado com base no referencial teórico de EI foi confrontado, assim como observou-se a emergência de construtos dos dados empíricos (ver Figura 2).



**Figura 2**  
Operacionalização da Teoria Adaptativa  
Fonte: Elaboração dos autores (2012)

Na Figura 3, a seguir, é apresentado o desenho metodológico. O referencial teórico influencia a realização de todos os passos da pesquisa, que vai dos objetivos à determinação do *framework* final. Os dados empíricos têm também importância na constituição do modelo. As abordagens dedutiva e indutiva estão presentes, portanto, o *framework* inicial, em conjunto com os objetivos e as proposições, direcionaram a análise de conteúdo.



**Figura 3**  
Desenho metodológico da pesquisa  
Fonte: Elaboração dos autores (2012)

Delimitado o quadro metodológico, explicam-se as medidas de validação e confiabilidade tomadas.

### 3.2 Validação e confiabilidade na pesquisa qualitativa

Durante a análise de dados, houve a preocupação de obter a validação e confiabilidade para que o resultado alcançado fosse o mais próximo possível da realidade e o método passível de replicação, destacando-se a objetividade do estudo. Portanto, validade “[...] é uma questão de até onde podemos ter certeza de que um teste ou instrumento mede o atributo que supostamente deve medir” e confiabilidade “[...] é uma questão de estabilidade: se um instrumento for administrado ao mesmo indivíduo em duas ocasiões diferentes, ele dará o mesmo resultado?” (Easterbt-Smith, Thorpe, & Lowe, 1999, p. 121). Na abordagem qualitativa, a validade é a capacidade de alcançar os objetivos pelos métodos adotados, e confiabilidade “[...] refere-se à garantia de que outro pesquisador poderá realizar uma pesquisa semelhante e chegará a resultados aproximados” (Paiva Júnior, Leão, & Mello, 2011, p. 194). Com isso, a pesquisa está comprometida “[...] com a provisão de uma descrição fiel das compreensões e percepções alheias [...]” (Easterbt-Smith, Thorpe & Lowe, 1999, p. 40).

Para alcançá-las, adotaram-se alguns critérios de validação e confiabilidade específicos para pesquisa qualitativa indicados por Paiva Júnior, Leão e Mello (2011). A Tabela 4 mostra a síntese da operacionalização desses critérios.

**Tabela 4**  
Critérios e operacionalização utilizados na pesquisa

Finalidade	Critérios utilizados	Operacionalização realizada
Paiva Júnior, Leão e Mello (2011)		
Validação e Confiabilidade	Triangulação	- múltiplas fontes de informação: respondentes de diferentes níveis hierárquicos, pessoas de organizações distintas e retorno ao campo para checar as incongruências e validar informações – realizado com duas rodadas de entrevistas e consulta por e-mail para tirar dúvidas com os entrevistados (Noda & Bower, 1996; Patton, 2001) - técnicas diversas de coleta de dados: entrevistas, documentos e material bibliográfico (Merriam, 1998)
	Construção do <i>corpus</i> de pesquisa	- representatividade da “amostra”: os sujeitos selecionados possuíam relação direta com o tema investigado (Bogdan & Biklen, 1994) - tamanho da “amostra”: fora adotado o critério de saturação das respostas das entrevistas – quando não surgem mais relatos inusitados (Merriam, 1998)

	Descrição clara, rica e detalhada	- A pesquisa qualitativa é descritiva em sua essência, o que possibilita a compreensão e replicação (Bogdan & Biklen, 1994) – desse modo, tal critério fora adotado.
	Feedback dos informantes (validação comunicativa)	- As transcrições das entrevistas foram submetidas aos respondentes por e-mail eletrônico (Merriam, 1998).
Validação	Surpresa	- “A surpresa é um critério de validade na pesquisa qualitativa e tem uma importância para essa tradição tanto no que diz respeito à descoberta de evidências inspiradoras a novas formas de pensamento sobre determinado tema, quanto à mudança de mentalidade já cristalizada em torno do fenômeno, padrões esses carentes de serem revistos ou aprofundados sob diferentes prismas para a teoria, para o método ou mesmo para o conhecimento popularmente difundido na sociedade” (Paiva Júnior, Leão & Mello, 2011, p. 202), portanto, tal critério foi realizado ao longo do texto.
Confiabilidade	Reflexividade	- “[...] diz respeito ao antes e ao depois do acontecimento, gerando transformação no pesquisador, uma vez que vai se tornando uma pessoa diferente por considerar as inconsistências do estudo ao longo do processo permanente de realização” (Paiva Júnior, Leão & Mello, 2011, p. 198). – o diário digital de campo e os memorandos do ATLAS.ti colaboraram no registro das reflexões acerca da pesquisa.

Fonte: Elaboração dos autores (2012)

Após essa apresentação, segue-se para a explicação das ferramentas utilizadas no ATLAS.ti versão 7.

#### 4 FUNCIONALIDADES EXPLORADAS DO ATLAS.TI 7

As principais ferramentas adotadas do ATLAS.ti sob a égide da Teoria Adaptativa são apresentadas. A Tabela 5 sintetiza as atividades realizadas na investigação com o ATLAS.ti. Observa-se na primeira coluna as finalidades, em seguida as ferramentas do sistema utilizadas e os resultados alcançados.

**Tabela 5**  
Ferramentas do ATLAS.ti utilizadas na pesquisa

Finalidades	Ferramentas do ATLAS.ti	Resultados obtidos
Criação do arquivo	- Salvo como nova unidade hermenêutica	- Arquivo salvo e junto com ele, o <i>backup</i> automático que não deve ser deletado
Inclusão das entrevistas, teses, dissertações, artigos e informações obtidas no site do Mdic	- Adição de documentos	- Geração de: P-Docs
Codificação (Bardin, 2011)	- Seleção de trechos do documento, clicar no botão direito do <i>mouse</i> em: <i>create free cotation</i> (para as novas) e <i>coding</i> (para adicionar trechos aos códigos existentes)	- Geração de: codes e quotes (citações)
Memorandos – “[...] registros escritos de análise que podem variar em tipo e formato” (Strauss & Corbin,	- Está no botão direito do <i>mouse</i> ou na barra de ferramenta (memos). Podem ser interligados aos relatos selecionados, códigos e fica independentes.	- Geração de: memos

2008, p. 207)		
Comentários – registros sobre a codificação, a teoria e operacionalização metodológica (Strauss & Corbin, 2008)	- Está no botão direito do <i>mouse</i> . Podem se relacionar aos códigos e memorandos.	-Geração de: comments
Categorização (Bardin, 2011)	- Realizada de duas formas: criação de famílias de códigos no menu codes e considerando alguns códigos ( <i>codes</i> ) como categorias. Recomendação realizada por Friese (2012), pois, os códigos possuem mais opções de análise e flexibilidade na versão 7 do sistema.	- Geração de: code family e codes
Relação entre: códigos, categorias e memorandos	- Ferramentas utilizadas: <i>network</i> e <i>links</i> . - O programa apresenta um conjunto de <i>links</i> que pode ser adotado e a opção de criar links. - Utilizaram-se: <i>is associated with; is part of; is cause of; is a</i> . - Foi criada: “antecede” para representação cronológica dos eventos marcantes da internacionalização.	- Geração de: links
Representação gráfica dos relacionamentos entre códigos, categorias, memorandos, comentários e links.	- Ferramenta utilizada: <i>network</i>	-Geração de: <i>networks</i>
Contagem de palavras	- Na barra de ferramentas acessa-se: <i>analysis: word cruncher</i>	-Geração de: contagem de palavras e percentuais (pode ser solicitado em excel)
Identificação da “presença ou ausência” em conjunto com a “coocorrência” (Bardin, 2011)	- Na barra de ferramentas acessa-se: <i>analysis: code cooccurrence table: e cluster quotations before calculating co-occurrence</i>	- Geração de: planilha para observar interseção entre trechos, códigos e categorias (pode ser solicitado em Excel)
Relatório final do programa	- Dois tipos foram solicitados em: <i>project: output; all objects e all objects (grouped)</i>	-Geração de: relatórios ordenados por data de criação e por grupo

Fonte: Elaboração dos autores (2012)

A análise de dados no programa foi concluída com 45 documentos, 9.521 palavras (sem repetições), 2.087 trechos selecionados e codificados, 345 códigos, 64 categorias (incluem-se aqui os códigos considerados categorias e famílias de códigos), 69 memorandos e 59 redes (ver Tabela 6).

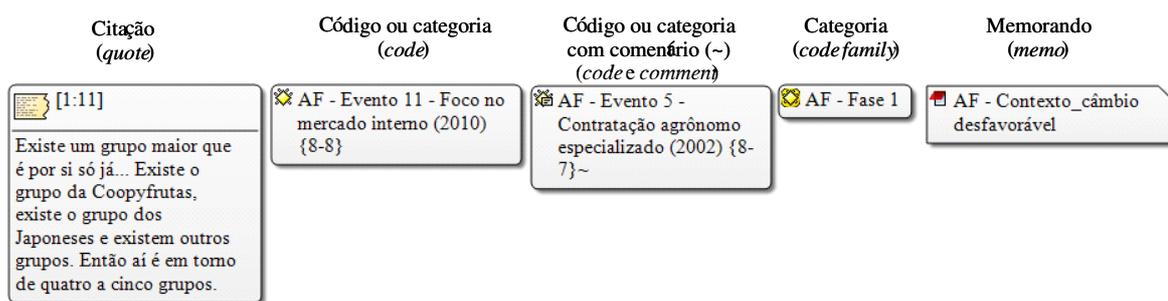
**Tabela 6**

Expressão numérica da análise de dados no ATLAS.ti

Documentos armazenados	Palavras	Unidade de registro (temas = quotes)	Códigos	Categorias	Memorandos	Networks (redes)
45	9.521	2.087	345	64	69	59

Fonte: Elaboração dos autores (2012)

Na Figura 4, são expostos exemplos da representação das citações, códigos, categorias, comentários e memorandos do ATLAS.ti versão 7, utilizado na análise dos dados. As citações (*quotes*) possuem uma numeração, neste caso é [1:11]. O número 1 corresponde ao documento da entrevista (P-Doc) e o 11 ao trecho codificado no documento. O segundo elemento da Figura tanto pode ser um código quanto uma categoria que é instrumentalizado como *codes* no *software*. O terceiro elemento se assemelha ao segundo, apenas se diferenciando pelo sinal (~) que reflete no símbolo da categoria, demonstrando a existência de comentário (*comment*). Em seguida, observa-se que a categoria pode também ser representada pela ferramenta *code family*. Por fim, como último elemento da figura, identifica-se o memorando (*memo*).



**Figura 4**  
Representação e símbolos do ATLAS.ti 7  
Fonte: Elaboração dos autores (2012)

O programa possibilita gerar relatórios com os passos e análises realizadas no sistema. Há dois tipos, um deles toma como base a ordem cronológica das atividades e o segundo ordena por grupos.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fazer científico possui diversas possibilidades que favorece o ofício dos pesquisadores. Os relatos e a troca de experiências proporcionam a socialização e reflexão sobre os caminhos mais adequados na prática das investigações. Nesse escopo, objetivou-se discutir sobre como a Teoria Adaptativa pode ser viabilizada pelo *software* ATLAS.ti 7 na concepção de um *framework* de empreendedorismo internacional.

Diante do debate, observa-se que existe uma aderência entre a Teoria Adaptativa e a ferramenta ATLAS.ti, em especial, por ambas terem o propósito de elaborar teoria. As funcionalidades do programa contribuem na manipulação do grande número de informações coletadas na pesquisa qualitativa, fato que apoia o trabalho do pesquisador. Ademais, a análise de conteúdo deve ser ressaltada como essencial nesse processo, e o ATLAS.ti possui interface que favorece o método de forma adequada. Entretanto, para que o *software* trabalhe em favor da Teoria Adaptativa, a experiência obtida e revelada ao longo do texto mostra a necessidade de cumprir alguns protocolos de pesquisa, a saber: o domínio da literatura do tema abordado e sobre a Teoria Adaptativa; a elaboração de um arcabouço teórico inicial, seja na forma de modelo ou *framework*, para relacionar aos dados empíricos; a clareza dos construtos a serem examinados; e, buscar a validação e confiabilidade dos resultados.

Ressaltam-se algumas limitações na realização desse tipo de pesquisa. A primeira delas está na dificuldade de obter informações das ações estratégicas dos empreendedores e dirigentes. Frente a esse fato, sugere-se que o pesquisador faça uma apresentação formal e por escrito aos proprietários das empresas, garantindo o uso dos dados de forma científica e ética. Outra limitação está na necessidade do elevado tempo despendido para aprender as funcionalidades do ATLAS.ti. Assim, para minimizar esse impacto, visando ganhar mais autonomia e domínio da ferramenta, é importante que o pesquisador, quando estiver no papel de estudante de mestrado e doutorado, inicie o uso do software no momento da escrita de artigos de disciplinas que acontece anteriormente à elaboração da dissertação e tese.

Para estudos futuros sobre o tema, é interessante investigar as limitações e indicar caminhos para realizar pesquisas qualitativas em conjunto com pesquisadores que estão em localizações diversas e distantes. O ATLAS.ti comporta esse tipo de ação, todavia, acredita-se que a sua operacionalização demanda atenção diante da complexidade, especialmente quando há a participação de mais de três pesquisadores utilizando o software na análise de dados da mesma investigação.

Observa-se que a Teoria Adaptativa e o ATLAS.ti se fortalecem e tornam-se propícios à elaboração de *frameworks* da área das Ciências Administrativas. Especificamente, tal conjunto metodológico demonstra ser coerente para os estudos com cortes longitudinais nas pesquisas de empreendedorismo internacional. Sendo

assim, sobretudo, buscou-se apresentar de forma minuciosa as etapas percorridas na investigação de EI para proporcionar à comunidade acadêmica informações que poderão ser aprimoradas pelos pesquisadores nos estudos futuros.

## REFERÊNCIAS

- Andersen, O. (1993). On the internationalization process of firms: A critical analysis. *Journal of International Business Studies*, 24(2), 209-231.
- Bardin, L. (2011). *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Bogdan, R. C., & Biklen, S. K. (1994). *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora.
- Butler, J. E., Doktor, R., & Lins, F. A. (2010). Linking international entrepreneurship to uncertainty, opportunity discovery, and cognition. *Journal of International Entrepreneurship*, 8(2), 121-134.
- Campos, A. M. (1997). Contribuição para o resgate da relevância do conhecimento para a administração. *PHYSIS: Revista de Saúde Coletiva*, 7(2), 105-127.
- Coombs, J. E., Sadrieh, F., & Annavarjula, M. (2009). Two decades of international entrepreneurship research: what have we learned – where do we go from here? *International Journal of Entrepreneurship*, 13(1), 23-64.
- Coviello, N. E., & Jones, M. V. (2004). Methodological issues in international entrepreneurship research. *Journal of Business Venturing*, 19(1), 485-508.
- Dimitratos, P., & Plakoyiannaki, E. (2003). Theoretical foundations of international entrepreneurial culture. *Journal of International entrepreneurship*, 1(2), 187-215.
- Easterbt-Smith, M., Thorpe, R., & Lowe, A. (1999). *Pesquisa gerencial em Administração: um guia para monografias, dissertações, pesquisas internas e trabalhos em consultoria*. São Paulo: Pioneira.
- Eisenhardt, K. M. (1989). Building theories from case studies research. *Academy Management Review*, 14(4), 532-550.
- Eisenhardt, K. M. (1995). Building theories from case study research. In: P. George Huber, & A. H. Van de Ven (Org.). *Longitudinal field research methods: studying processes of organizational change*. Thousand Oaks: Sage. 65-90.

- Etemad, H. (2004). International entrepreneurship as a dynamic adaptive system: towards a grounded theory. *Journal of International Entrepreneurship*, 2(1), 15–59.
- Freitag Filho, A. R., & Amal, M. (2008). Estratégias e Determinantes da Internacionalização de Pequenas e Médias Empresas (PMEs): Abordagem da Teoria de Redes de Relacionamento e Empreendedorismo. *Anais do 32º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação em Administração*, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- Friese, S. (2012). *Qualitative data analysis with ATLAS.ti*. London: SAGE.
- Godoy, A. S. (1995). Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *Revista de Administração de Empresas*, 35(2), 57-63 mar./abr.
- Grichnik, D. (2008). Risk choices in new ventures decisions: experimental evidence from Germany and the United States. *Journal of International Entrepreneurship*, 6(1), 22-47.
- Guba, E. G., & Lincoln, Y. S. (2005). Paradigmatic controversies, contradictions, and emerging confluences. In: N. K. Denzin, Y. S. Lincoln (Eds.). *Handbook of Qualitative Research* (3rd edition, p. 191-215). London: Sage.
- Johanson, J., & Vahlne, J.-E. (2009). The Uppsala Internationalization Process Model Revisited: from liability of foreignness to liability of outsidership. *Journal of International Business Studies*, 40(9), 1411-1431.
- Keupp, M. M., & Gassman, O. (2009). The Past and the Future of International Entrepreneurship: A Review and Suggestions for Developing the Field. *Journal of management*, 35(3), 600-633.
- Kiss, A. N., Danis, W. M., & Cavusgil, S. T. (2012). [International entrepreneurship research in emerging economies: a critical review and research agenda](#). *Journal of Business Venturing*, 27(2), 266-290.
- Layder, D. (1993). *New Strategies in Social Research*. Polity, Cambridge.
- Layder, D. (1998). *Sociological Practice: Linking Theory and Social Research*, Sage, London.
- Leite, Y. V. P., & Moraes, W. F. A. de. (2012). Empreendedorismo internacional: proposição de um framework. *Anais do 36º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação em Administração*, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- Mattos, P. L. C. L. de. (2009). Administração é ciência ou arte? O que podemos aprender com este mal-entendido? *Revista de Administração de Empresas*, 3 (49), Jul./Set., 349-360.

- McDougall, P. P. (1989). International versus domestic entrepreneurship: new venture strategic behavior and industry structure. *Journal of Business Venturing*, 4(6), 387-400.
- Mdic. (2011). *Balança comercial brasileira por município*. Recuperado em 6 novembro, 2011, de < <http://www.mdic.gov.br/sitio/sistema/balanca/>>.
- Melin, L. (1992). Internationalization as a strategy process. *Strategic Management Journal*, 13(S2), 99-118.
- Merriam, S. B. (1998). *Qualitative research and case study applications in education*. San Francisco: Jossey-Bass.
- Oviatt, B. M., & McDougall, P. P. (2005). Defining international entrepreneurship and modeling the speed of internationalization. *Entrepreneurship Theory & Practice*, 29(5), 537-553.
- Paiva Júnior, F. G. de, Leão, A. L. M. de S., & Mello, S. C. B. de. (2011). Validade e Confiabilidade na Pesquisa Qualitativa em Administração. *Revista de Ciências da Administração*, 13(31), 190-209, set/dez.
- Patton, M. Q. (2001). *Qualitative research and evaluation methods*. California: Sage Publication.
- Porter, M. (1991). Towards a dynamic theory of strategy. *Strategic Management Journal*, 12, Winter, Special Issue, 95-117.
- Ribeiro, F. C. F., & Pimentel, J. E. A. (2009). Empresas Born Globals Brasileiras: a Influência do Perfil do Empreendedor e da Localização Geográfica. *Anais do 33º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação em Administração*, São Paulo, SP, Brasil.
- Rossi, D. L. (2008). *Dimensões do empreendedorismo internacional na internacionalização de uma empresa mineira do setor alimentício*. (Dissertação Mestrado Acadêmico em Administração, Programa de Pós-Graduação em Administração, Faculdade Novos Horizontes, Belo Horizonte, MG, Brasil).
- Silveira, P. A., & Alperstedt, G. D. (2007). O Processo de Internacionalização de uma Empresa de Pequeno Porte do Setor Moveleiro do Oeste de Santa Catarina sob a Ótica do Empreendedor. *Anais do 3º Encontro de Estudos em Estratégia*, São Paulo, SP, Brasil.
- Sohn, A. P. L., Lenzi, F. C., & Kiezel, M. D. (2004). A Presença do Espírito Empreendedor no Processo de Formulação de Estratégias de Internacionalização da Datasul. *Anais do 28º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação em Administração*, Curitiba, PR, Brasil.

- Stake, R. E. (1995). *The case of case study research*. Thousand Oaks: Sage Publications, 1-12.
- Strauss, A., & Corbin, J. (1998). *Basics of qualitative research: techniques and procedures for developing Grounded Theory* (2nd ed.) Thousand Oaks: Sage Publications.
- Strauss, A., & Corbin, J. (2008). *Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada* (2a ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Taylor, S. J., & Bogdan, R. (1984). *Introduction to qualitative research methods: the search for meanings* (2nd ed.). John Wiley & Sons.
- Tondolo, V. A. G., Bitencourt, C. C., & Tondolo, R. da R. P. (2008). Implementação de Estratégia Empreendedora Internacional no Setor de Vinhos: O Caso da Vinícola Miolo. *Anais do 32º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação em Administração*, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- Welch, C., & Welch, L. S. (2004). Broadening the concept of international entrepreneurship: internationalization, networks and politics. *Journal of International Entrepreneurship*, 2(3), 217-237, Sep.
- Wright, R. W., & Dana, L.-P. (2003). Changing paradigms of international entrepreneurship strategy, *Journal of International Entrepreneurship*, 1(1), 135-152.
- Yin, R. K. (2002). *Estudo de Caso: planejamento e métodos* (2a ed.). Porto Alegre: Brookman.
- Zahra, S. A., & George, G. (2002). International entrepreneurship: the current status of field and future research agenda. In: Hitt, M. A., Ireland, R. D., Sexton, D. L.; Amp,
- Zahra, S. A.; George, G. International entrepreneurship: the current status of field and future research agenda (2002). In M. A. Hitt, R. D. Ireland, D. L. Sexton, S. M. Amp. (Eds.) *Strategic entrepreneurship, creating a new mindset*. Oxford, UK: Blackwell.